

Bovespa se refaz e fecha em alta de 5,10%

No balcão, dólar encerrou ontem cotado a R\$ 1,609 (queda de 0,19%), mas na BM&F a moeda subiu 1,06%, para R\$ 1,625

A queda de mais de 4,2 mil pontos do Ibovespa na véspera abriu uma grande oportunidade de compras aos investidores, que não se deixaram abater nem mesmo pelo comunicado do Federal Reserve. Evento aguardado de ontem, o documento não trouxe o anúncio - ou indícios - de um novo programa de afrouxamento quantitativo para estimular a economia norte-americana, ou qualquer outro estímulo. As bolsas em Wall Street oscilaram em baixa à essa ausência, mas logo se recuperaram e fecharam com ganhos expressivos, ajudando na recuperação da Bolsa brasileira.

O Ibovespa conseguiu reaver alguns degraus perdidos ontem ao fechar com ganho de 5,10%, na máxima pontuação do dia, aos 51.150,90 pontos. Na mínima, registrou 48.666 pontos (estabilidade). Foi a maior alta percentual desde 29 de outubro de 2009 (+5,91%). No mês, acumula perda de 13,04% e, no ano, baixa de 26,19%. O giro financeiro foi o maior do ano, excetuando-se pregões com vencimentos ou eventos excepcionais, e totalizou R\$ 10,336 bilhões.

“O mercado estava ansioso com o QE3 e ele não veio. Mas, no geral, o comunicado do Fomc trouxe o que já era esperado, como a manutenção da taxa de juros entre zero e 0,25%”, destacou o analista sênior da TOV Corretora, André Mello. Segundo ele, apesar de o estímulo não ter sido anunciado, o comunicado mostrou que o Fed “não está apavorado” com o rebaixamento da Standard & Poor’s, já que o dinheiro continua entrando nos ativos do país.

Ontem, os investidores aproveitaram as oportunidades abertas pelo tombo de ontem e compraram papéis como Petrobras e Vale. Petrobras ON, +2,80%, PN, +2,68%. Na Nymex, o contrato para setembro recuou 2,47%, a US\$ 79,30. Vale ON avançou 5,12%, e a PNA subiu 5,09%. No setor siderúrgico, Gerdau PN, 3,19%, Metalúrgica Gerdau PN, 1,73%, Usiminas PNA, 4,48%, e CSN ON, 7,03%. Nos EUA, o Dow Jones avançou 3,98%, aos 11.239,77 pontos, o S&P subiu 4,74%, aos 1.172,53 pontos, e o Nasdaq ganhou 5,29%, aos 2.482,52 pontos. As bolsas europeias fecharam em direções divergentes.

Câmbio

Após subir pela manhã até as máximas de R\$ 1,6580 (+2,85%) no balcão e a R\$ 1,6710 (+1,98%) no contrato de setembro de 2011, pressionado por compras de um grande banco norte-americano e de importadores, o dólar no mercado doméstico mostrou forte volatilidade durante a sessão e perdeu força após a reunião do Fed.

No fechamento, o dólar à vista estava na mínima do dia, cotado a R\$ 1,609, em

queda de 0,19% no balcão. No mercado futuro, às 16h35, o dólar setembro de 2011, recuava 0,95%, a R\$ 1,6230, com forte giro financeiro de US\$ 28,098 bilhões. Na BM&F, onde os negócios à vista fecham mais cedo do que balcão, o dólar pronto encerrou com valorização de 1,06%, a R\$ 1,6250. Em Nova York, às 16h53, o euro subia a US\$ 1,4341, de US\$ 1,4180 no fim da tarde de ontem, mas caía a 1,0341 franco suíço.

Crise desvaloriza Petrobras

A crise financeira mundial derrubou o valor de mercado da Petrobras, que se aproxima do nível anterior à apresentação das ações do pré-sal na capitalização recorde de R\$ 120 bilhões do segundo semestre do ano passado. O valor de mercado da estatal atingiu, na segunda-feira, R\$ 258,9 bilhões. Em 23 de setembro do ano passado, véspera da capitalização, o valor era de R\$ 252,6 bilhões. O maior valor de mercado da Petrobras desde o anúncio da descoberta da camada petrolífera do pré-sal foi de R\$ 413,3 bilhões, em 8 de março. Em cinco exatos meses desde o seu maior valor, a perda atingiu R\$ 154,4 bilhões

Em breve comunicado, a companhia sustentou que a queda no valor de mercado é interpretada como reflexo da crise global e que não estuda planos de recompra das ações.

Para o economista Edmar de Almeida, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a crise abre perspectiva de queda no preço do petróleo, “o que desvaloriza qualquer empresa do setor”. “No caso da Petrobras, a situação é mais grave porque ela está mais alavancada do que o resto do mercado, tem muitos investimentos. Uma situação de grande investimento em período de incerteza coloca a empresa em posição de fragilidade.”

Divulgado em julho, o plano de negócios da Petrobras para o período 2001-2015 estipula US\$ 224,7 bilhões em investimentos. De acordo com estudo divulgado pela consultoria Econômica, o patrimônio líquido da Petrobras era de R\$ 306,7 bilhões no último dia de 2010. Na data, o valor de mercado da petroleira era R\$ 380,2 bilhões. Ou seja: o valor de mercado era 24% maior que o patrimônio líquido.

Reflexos serão mais fortes, prevê Ipea

O economista Márcio Pochmann, presidente do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea), afirmou ontem que a crise internacional, acentuada com as dificuldades fiscais dos Estados Unidos (EUA) e União Europeia (UE), terá reflexos mais fortes no Brasil que a crise de 2008. De acordo com ele, os países ricos hoje em dificuldade não contam com o arsenal de medidas de blindagem como há três anos. “Teremos um quadro recessivo mais grave”, disse.

Pochmann afirmou que EUA e UE não estão adotando estratégias para estimular seus mercados internos, mas ao contrário buscam utilizar as exportações junto com corte de gastos. “A consequência é que haverá um acirramento profundo da competição pelo mercado internacional em um cenário

de redução do nível de atividade do mundo”, previu.

Pochmann disse que o primeiro setor a ser prejudicado no Brasil é a indústria exportadora, primeiramente as voltadas ao comércio com mercados ricos e depois aquelas que exportam para nações do Hemisfério Sul, mas que competem com produtos de países desenvolvidos. O presidente do Ipea acredita que o governo brasileiro está mais preparado para tomar medidas anticrise do que em 2008. Segundo ele, o Brasil tem experiência e “gordura de juros” para queimar. Além disso, o País pode avançar em desonerações para setores industriais e estimular o mercado interno com projetos sociais e de infraestrutura.

Matérias-primas estão em queda

Os preços das matérias-primas comercializadas em larga escala no mercado mundial estão em queda, diante dos sinais de desaceleração da economia mundial, mas os especialistas preferem aguardar antes de arriscar novas projeções em relação ao tamanho do impacto no saldo comercial do Brasil. A única certeza é a de que não haverá recuperação tão cedo e de que a inflação vai cair por conta dos preços mais baixos. De acordo com o especialista, os preços começaram a “derreter” após a agência Standard & Poor’s rebaixar a nota de risco da dívida americana na última sexta-feira.

“A queda foi pequena diante da dimensão da crise na Europa e nos Estados Unidos e das enormes dúvidas sobre o que pode acontecer com a demanda do mercado chinês”, afirma o consultor Fábio Silveira, da RC Consultores. Ele destaca que o dilema atual é mais grave do que em 2008, quando os bancos centrais das principais economias trabalharam de forma coordenada, o que não ocorre agora.

No caso das commodities agrícolas, a consultoria Tendências acredita que o cenário ainda é de alta no preços por conta da demanda da Ásia, especialmente da China, que ainda deve se manter elevada. A expectativa é que nos próximos dias os preços permaneçam muito voláteis. A soja caiu apenas 1,7% desde sexta-feira. Mas, o preço ainda está cerca 26% acima do nível de agosto do ano passado.
